

Situação: O preprint não foi submetido para publicação

RETRATO DAS NARRATIVAS DE MAES UNIVERSITARIAS NO CONTEXTO ACADÊMICO

Elenir Lindaura da Silva , Priscila Benitez, Táhcita Medrado Mizael, Mara Silvia Pasian

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2577>

Submetido em: 2021-07-01

Postado em: 2021-07-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

RETRATO DAS NARRATIVAS DE MAES UNIVERSITARIAS NO CONTEXTO ACADÊMICO

ELENIR LINDAURA DA SILVA ¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3672-0814>

PRISCILA BENITEZ ²

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3501-7606>

TÁHCITA MEDRADO MIZAEI ³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5543-1188>

MARA SILVIA PASIAN ⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4974-0750>

RESUMO: Questões relacionadas ao gênero, especificamente, sobre o fator maternidade, têm sido documentadas como desafios importantes para serem superados no ambiente acadêmico e precisam ser investigados para que possa ocorrer uma melhor compreensão que gerem possibilidades de apoio e condições favoráveis para o pleno desenvolvimento da formação acadêmica com condições igualitárias. O trabalho teve como objetivo refletir sobre o espaço de mães na universidade pública brasileira, enquanto protagonistas do seu processo educacional, possibilitando assim, a construção de possíveis fatores de proteção que garantam a permanência das mesmas na universidade e em equidade aos demais estudantes. Para a construção do trabalho foi realizada uma revisão de literatura com temática relativa a maternidade na educação superior com enfoque nas diferenças de gênero para dar suporte a pesquisa de campo realizada e compor a discussão dos dados obtidos. A pesquisa de campo foi realizada em uma universidade pública federal brasileira. Os resultados identificaram a ocorrência de múltiplas atribuições das mulheres universitárias, que se somam com as atividades acadêmicas: a maternidade, as atividades domésticas e profissionais extra universidade. Espera-se que os achados contribuam para a construção de um ambiente mais inclusivo, que respeite a maternidade e contribua para a formação de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: maternidade, educação superior, inclusão, gênero.

PORTRAIT MOTHER'S NARRATIVES IN THE ACADEMIC CONTEXT

ABSTRACT: Gender-related issues, more specifically, about the maternity, have been documented as important challenges to be overcome in the academic environment and need to be investigated so that a better understanding can occur, generating possibilities of support and favorable conditions for the full development of academic training, with equal conditions. The study aimed to reflect on the space of mothers in the Brazilian public university, as protagonists of their educational process, thus enabling the construction of possible protection factors that guarantee their maintenance in the university and in equity relative to the other students. For the construction of the work, we did a literature review and

¹ UFABC. Santo André, S.P., Brasil. <elenir.lindaura@gmail.com>

² UFABC. Santo André, S.P., Brasil. <priscila.benitez@ufabc.edu.br>

³ UFABC. Santo André, S.P., Brasil. <tahcitammizael@gmail.com>

⁴ UFABC. Santo André, S.P., Brasil. <mara.pasian@ufabc.edu.br>

construction of a field research at a Brazilian public university. As a result, in general, the multiple roles of mothers (maternity, domestic, academic and extra-university activities) were identified. The findings are expected to contribute to the construction of a more inclusive environment, which respects motherhood and contributes to the formation of a more inclusive society.

Keywords: maternity, college education, inclusion, gender.

RETRATO DE LAS NARRATIVAS DE MADRES UNIVERSITARIAS EN EL CONTEXTO ACADÉMICO

RESUMEN: Las cuestiones de género, más concretamente, el factor maternidad, se han documentado como importantes retos a superar en el ámbito académico y necesitan ser investigados para que se produzca un mejor entendimiento, generando posibilidades de apoyo y condiciones favorables para el pleno desarrollo de la educación. formación académica en igualdad de condiciones. El trabajo tuvo como objetivo reflexionar sobre el espacio de las madres en la universidad pública brasileña, como protagonistas de su proceso educativo, posibilitando así la construcción de posibles factores de protección que garanticen su permanencia en la universidad y en equidad al resto de estudiantes. Para la construcción del trabajo, hemos hecho una revisión de la literatura y la construcción de una investigación de campo en una universidad pública brasileña. Como resultado, en general, se identificaron los múltiples roles de las madres (maternidad, actividades domésticas, académicas y extrauniversitarias). Se espera que los hallazgos contribuyan a la construcción de un entorno más inclusivo, que respete la maternidad y contribuya a la formación de una sociedad más igualitaria.

Palabras-clave: maternidad, educación universitaria, inclusión, género.

INTRODUÇÃO

O acesso da mulher brasileira à universidade é palco de investigação e preocupação, desde a década de 70 (BARROSO; MELLO, 1975) e tema relevante a ser investigado na realidade atual para garantir facilitadores para a permanência e sucesso das mulheres' universitárias. O presente artigo levanta e discute sobre a questão de gênero da educação superior no Brasil, com discussões e reflexões da mulher universitária enquanto protagonistas do seu processo educacional, possibilitando assim, a visão para a construção de possíveis fatores de proteção que garantam a permanência das mesmas na universidade e em equidade aos demais estudantes e seus desdobramentos no mercado de trabalho.

Para entender melhor, é importante elucidar um pouco da jornada da escolarização e trabalho da mulher na sociedade. Nos anos 90, dois terços das crianças e mulheres eram analfabetas em diversos países, de acordo com a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990). Uma das formas de explicar as disparidades de gênero no Brasil e em outros países é a partir do conceito de divisão do trabalho. Para Kergoat (2009, p.67):

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo... Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher).

Atualmente, apesar do ingresso nas escolas e o aumento considerável das mulheres nas universidades, ainda persiste a ideia da mulher desempenhar os papel destinado a cuidar das tarefas da casa, dos filhos e até do marido, responsável por acompanhar as atividades escolares dos filhos e participar das reuniões, limpar e preparar as refeições da casa. Já o papel dos homens destina-se a trabalhar fora de casa e receber remuneração, ser o responsável pelas finanças da casa, sem responsabilidades com os filhos e com a rotina da casa.

Então vamos partir para as mulheres universitárias como proposto. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2013), o número de mulheres que ingressam na educação superior é maior, em relação ao número de homens ingressantes, o que mostra uma grande diferença em comparação com os dados obtidos até a década de 1990. Além disso, ainda de acordo com os dados do INEP (2013), o percentual médio de ingresso de alunas até 2013 foi de 55% do total em cursos de graduação presenciais, em comparação aos 45% de homens matriculados na educação superior. Se a análise for feita para concluintes, entre homens e mulheres, o índice sobe para 60% de concluintes do sexo feminino, em comparação a 40% do sexo masculino.

Embora não haja dúvidas de que a situação melhorou bastante, no que se refere a um maior acesso das mulheres à educação, é possível ver que a divisão sexual do trabalho ainda existe. Apesar do número de mulheres ingressantes nos cursos de graduação seja maior que o dos homens, as estatísticas mostram que as mulheres são maioria em profissões consideradas “do cuidado”, como enfermagem, psicologia, assistência social, fonoaudiologia, educação, entre outros cursos (WERMELINGER et al., 2010). Ao mesmo tempo, os homens são maioria nas áreas de exatas e nas chamadas ciências “duras”, particularmente as áreas chamadas de STEM (*science, technology, engineering, mathematics* - ciência, tecnologia, engenharia e matemática).

Também, nos dados do Censo da Educação Superior de 2019, mais de 70% das concluintes das áreas de “Educação” e “Saúde e Bem-Estar” eram do sexo feminino, enquanto que mais de 86% dos homens concluintes eram das áreas de “Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação” (INEP, 2020). Além disso, pode-se também argumentar que os homens são minoria como ingressantes dos cursos de graduação, pois ainda há um endosso a noção de que os homens devem ser os provedores

da família e, portanto, precisariam trabalhar ainda jovens, o que, muitas vezes, impede que os homens cursam uma graduação, especialmente entre a camada mais pobre.

De acordo com o estudo divulgado pelo grupo (BEELER et al., 2019), de 541 instituições investigadas em 38 países diferentes, 77% das instituições de ensino que passaram pela avaliação não apresentavam qualquer política de ação afirmativa relacionada ao gênero, em seus comitês gestores. Ademais, em termos mundiais, o estudo revelou que as mulheres representam menos de 30% dos cientistas e ocupam 24% dos cargos de professores titulares. Isso remete ao termo utilizado teto de vidro:

O teto de vidro é um fenômeno amplamente estudado na literatura de gênero e se refere às situações em que o avanço de uma pessoa qualificada na hierarquia de uma organização é impedido por barreiras de discriminação, geralmente o sexismo ou o racismo. Com esta metáfora se quer expressar a barreira enquanto um “teto” porque há uma limitação que obstrui o avanço ascendente, e “vidro” (transparente) porque a limitação não é imediatamente aparente e é normalmente uma política não escrita nem oficial. “O teto de vidro” é diferente das barreiras formais ao avanço, tal como exigências da instrução ou da experiência (GARCIA, 2011, p. 103).

Nesse sentido, quanto mais alta uma posição (editora de periódico, bolsista produtividade), menor o número de mulheres nessas posições, mesmo em áreas consideradas tradicionalmente femininas, como a Psicologia (LAURENTI et al., 2019). Para dar um exemplo com relação a maternidade, em diversas pesquisas, mulheres que se tornaram mães se queixam que suas carreiras foram prejudicadas, uma vez que, nos processos seletivos, o tempo no qual as mães ficam de licença é considerado como “tempo hábil para o trabalho”, levando-as a ter menor produção e, portanto, obterem menores oportunidades de ascensão em cargos e/ou menores possibilidades de serem contratadas, especialmente quando relatam ter filhos (LAURENTI et al., 2019).

Considerando o número de mulheres nas universidades, atualmente, questiona-se sobre as políticas de proteção de gênero, no sentido de garantir a permanência desse público, principalmente, quando se trata da questão da maternidade. A pesquisa de Estatísticas do Registro Civil divulgada pelo IBGE (2015) mostrou que de um total de 100% de mães com filho(s) com vida(s), em torno de 60% pertencem aos grupos de mulheres com idades entre 20-24 e 25-29 anos. Porém, ao correlacionar esse porcentual com o de mulheres que frequentam ou concluíram a educação superior em universidades públicas, apenas 2% a 4% dessas mulheres são mães.

O papel da mulher, ao longo do processo histórico, passou por modificações sociais, sobretudo com o fim do período feudal e o avanço do capitalismo (DYBLE et al., 2015). O papel social da mulher foi remodelado, principalmente, em relação ao fator da maternidade e aos trabalhos domésticos. Assim, foi sendo estruturado um perfil de desigualdade social, em que o capitalismo avança paralelo ao patriarcado (FEDERICI, 2017).

Nesse contexto, a discussão acerca da maternidade pode ser compreendida por vias distintas, de acordo com o contexto histórico da luta feminista. Uma possibilidade seria entendê-la enquanto meio de dominação corporal, dentre o qual, torna-se necessário empoderar as mulheres sobre as suas respectivas maternidades. O *Parent in Science*, grupo que vem abordando questões relacionadas a maternidade e ciência e que já organizou duas edições do evento, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, discutiu sobre o impacto da maternidade na carreira acadêmica e científica das mulheres brasileiras. O propósito do grupo visa a geração de debates sobre a maternidade e paternidade no âmbito da ciência brasileira, no sentido de entender o impacto dos filhos na carreira científica tanto de mulheres, como de homens.

Com relação a estudos que investigam mudanças na carreira e vida das mulheres após a maternidade, Vanalli e Barham (2012) investigaram vivências de 40 professoras após o retorno da licença maternidade, mães de filhos com até dois anos de idade. Dentre os resultados listados, a sobrecarga que as professoras mães enfrentam revelou a importância de rever a divisão do trabalho familiar. Andrade, Praun e Avoglia (2018) investigaram o sentido do trabalho para mulheres que tinham retornado ao

trabalho, após o período de licença maternidade, por meio de um estudo de caso com 13 servidoras no âmbito educacional. Os resultados identificaram a valorização do trabalho pelas participantes entrevistadas, além de uma perspectiva afetiva ao campo educacional e, como fator preocupante, os autores destacaram que a mulher não é reconhecida em seus trabalhos domiciliares, pois os mesmos continuam sendo tratados como “coisas de casa”.

Os dados discutidos nesses dois estudos anteriores (ANDRADE; PRAUN; AVOGLIA, 2018; VANALLI; BARHAM, 2012) foram corroborados no estudo de Silva e Ribeiro (2014), em relação ao papel da mulher mãe para as questões de trabalho e relações familiares. Silva e Ribeiro (2014) centralizaram seu estudo sobre a trajetória acadêmica e profissional das mulheres no âmbito científico e identificaram preconceitos como reconhecimento de brincadeiras sexistas e o adiamento ou recusa da maternidade, o que justifica que a trajetória das mulheres investigadas foi construída com base em valores e padrões masculinos de produção, que dificultam a participação das mulheres na ciência. Ainda, de acordo com Ecklund e Lincoln (2011) de um total de 3.455 cientistas investigadas, entre estudantes de pós-graduação, bolsistas de pós-doutorado e professoras universitárias com doutorado, os dados revelaram que as mulheres cientistas têm interesse em ter mais filhos, mas devido a sua carreira científica, escolhem ter menos filhos do que almejam.

Atualmente, sobre a questão da maternidade e a evolução acadêmica e profissional da mulher, o artigo *Impact of COVID-19 on academic mothers* (STANISCUASKI et al., 2020) nos traz uma reflexão sobre o quão a mulher mãe está sendo a mais penalizada com o atual quadro global de pandemia, uma vez que as mesmas estão tendo uma sobrecarga de demandas, como a educação dos filhos em casa, as tarefas domésticas, além do trabalho remunerado.

Sobre mulheres que se tornaram mães durante sua trajetória acadêmica Urpia e Sampaio (2009) identificaram os desafios de quatro mães universitárias, com idades entre 19 e 25 anos, para conciliarem a maternidade e a vida acadêmica. As autoras ressaltam a importância de investimento de políticas de assistência social como ação afirmativa efetiva de permanência e conclusão para tal público-alvo.

Considerando a falta de apoio de instituições de ensino para questões de gênero em comitês gestores (BEELER et al., 2019), as dificuldades relacionadas ao duplo papel maternidade e seguimento acadêmico (MENEZES et al., 2012), as relações de trabalho e as rotinas familiares (ANDRADE; PRAUN; AVOGLIA, 2018; SILVA; RIBEIRO, 2014; VANALLI; BARHAM, 2012); a assídua presença dos valores e padrões masculinos nos espaços acadêmicos de construção de ciência (SILVA; RIBEIRO, 2014) e a importância de garantia de políticas de permanência no âmbito universitário para mulheres mães matriculadas em universidades públicas (ECKLUND; LINCOLN, 2011; URPIA; SAMPAIO, 2009).

Com essas explanações a importância de estudos como o presente mostra-se relevante. O trabalho teve como objetivo refletir sobre o espaço das mulheres mães em uma universidade pública brasileira, enquanto protagonistas do seu processo educacional e identificar, em suas percepções, fatores que auxiliem na permanência na universidade, em equidade aos demais estudantes, assim como os desafios e estratégias traçadas para superá-los.

MÉTODO

Considerações éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade (CAAE: 03599418.5.0000.5594, Parecer nº 3.157.755).

Participantes

Participaram do estudo nove estudantes mães envolvidas em atividades em uma universidade pública federal da grande São Paulo. Os critérios adotados para seleção foram: a) matrícula em graduação de uma universidade pública, b) ter filhos e/ou estar gestante. O recrutamento ocorreu por meio de divulgação da pesquisa por redes sociais e coletivos universitários. Todas as estudantes estavam matriculadas na mesma instituição no momento da coleta de dados da pesquisa.

Instrumentos de pesquisa

A coleta de dados utilizou dois instrumentos de pesquisa, um questionário e uma entrevista semiestruturada. Tanto o questionário como o roteiro da entrevista semiestruturada abordaram os mesmos conteúdos, a diferença foi referente ao aprofundamento de cada assunto durante a aplicação da entrevista, a despeito dos dados coletados via questionário online. Os instrumentos de pesquisa foram utilizados de maneira independente, ou seja, se a mãe participante optasse por responder apenas o questionário online, ou realizar apenas a entrevista, não seria excluída da amostra. A Tabela 1 caracteriza a amostra, evidencia as participantes que estavam trabalhando com remuneração no momento da pesquisa, e também quais participantes responderam ao questionário e/ou a entrevista.

Tabela 1. Caracterização da amostra e tipo de instrumento respondido pelas participantes

	Idade	Estado civil	Filhos (n)	Atividade Remunerada	Questionário	Entrevista
M1	29	Casada	3	✓	✓	✓
M2	29	Divorciada	1	-	✓	✓
M3	25	Solteira	1	-	✓	✓
M4	23	Solteira	1	-	✓	-
M5	32	Solteira	1	-	✓	-
M6	24	Solteira	1	-	✓	-
M7	27	Solteira	1	-	✓	-
M8	39	Solteira	1	✓	✓	-
M9	26	Divorciada	2	✓	✓	✓

Fonte: elaboração própria das autoras

As perguntas que continham no questionário foram utilizadas como roteiro para a realização da entrevista semiestruturada e seguiu basicamente quatro temas disparadores, a destacar: a) questões referentes à caracterização das participantes, em relação à idade, estado civil, curso em que estavam matriculadas, renda familiar, número de filhos, se estavam trabalhando no momento, dentre outros; b) questões acadêmicas referentes à possibilidade de jubileamento, número de trancamentos de disciplinas, possibilidade de desistência, satisfação com o seu desempenho acadêmico; c) questões referentes à rede de apoio social, como tratamento psicológico, satisfação com o exercício da maternidade, rede de apoio que contribua com os cuidados do(s) filho(s); d) questões legais sobre a permanência na universidade, como ida dos filhos para universidade, recebimento de auxílio financeiro pela universidade, situações desafiadoras devido à maternidade.

Procedimento de coleta e análise de dados

O recrutamento ocorreu por meio de divulgação nas redes sociais e coletivos universitários, conforme descrito no item anterior.

Aplicação do questionário e da entrevista semiestruturada

O questionário foi aplicado em formulário online, divulgado nas mídias sociais, enquanto a entrevista semiestruturada foi aplicada conforme agendamento prévio com cada mãe/universitária.

Análise de dados

Os dados foram analisados de acordo com as respostas coletadas com a aplicação do questionário e da entrevista e, posteriormente, foram agrupados por categorias temáticas. As entrevistas foram transcritas na íntegra para posterior análise no desenvolvimento deste trabalho. A Tabela 2 mostra a lógica da análise dos dados proposta, a partir dos quatro temas disparados coletados com os dois instrumentos de pesquisa.

Tabela 2. Organização da análise das respostas do questionário e da entrevista

Tema disparador	Perguntas	Categoria de análise
------------------------	------------------	-----------------------------

1. Caracterização das participantes	Idade, estado civil, curso em que estavam matriculadas, renda familiar, número de filhos, se estavam trabalhando no momento.	1.1 Rotina pessoal 1.2 Organização familiar e socioeconômica
2. Situação acadêmica	Possibilidade de jubramento, número de trancamento de disciplinas, possibilidade de desistência, satisfação com o seu desempenho acadêmico.	2.1 Histórico acadêmico
3. Rede de apoio social	Tratamento psicológico, satisfação com o exercício da maternidade, rede apoio que contribua com os cuidados do(s) filho(s).	3.1 Histórico de saúde e rede de apoio
4. Permanência na universidade	Ida dos filhos para a universidade, recebimento de auxílio financeiro pela universidade, situações desafiadoras devido à maternidade.	4.1 Percepção pessoal sobre a relação entre maternidade e vida acadêmica 4.2 Auxílios legais 4.3 Sugestões de estratégias legais para permanência e conclusão de curso da mãe universitária.

Fonte: elaboração própria das autoras

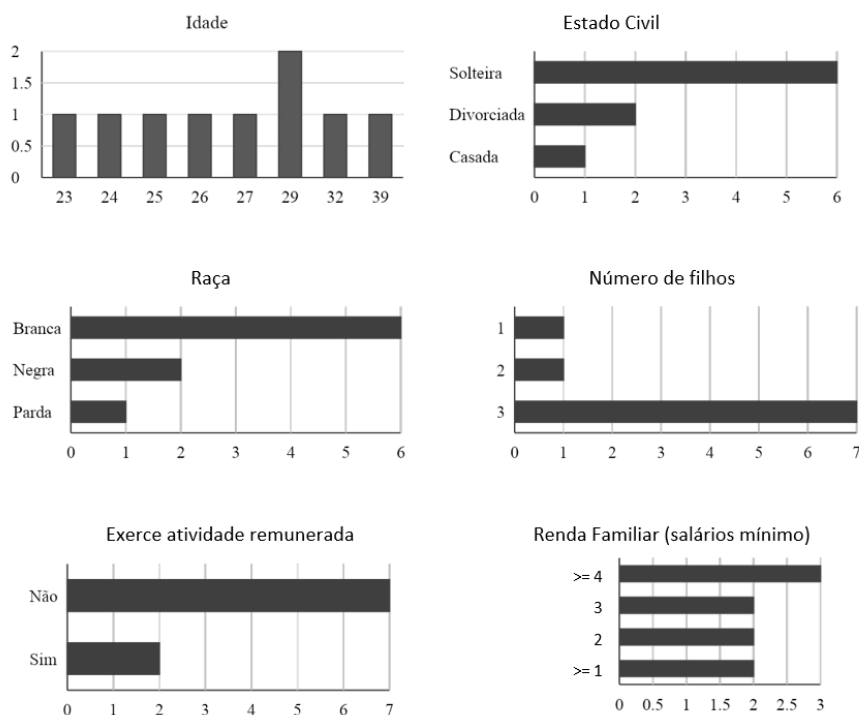
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados de acordo com cada tema disparador para facilitar a visualização.

Tema disparador 1 – Caracterização das participantes: Rotina pessoal e Organização familiar e socioeconômica

A Figura 1 caracteriza as mães universitárias participantes do estudo.

Figura 1. Caracterização da amostra



Fonte: elaboração própria das autoras

Dentre as mães respondentes, M1, M4, M6, M7, M8 e M9 declararam-se como brancas, M5 e M2 como negras e M3 como parda. Com exceção de M1 que tem três filhos e M9 que tem dois, as demais participantes têm um filho cada. M3 e M4 responderam que tem uma faixa salarial menor ou igual a um salário mínimo. M5 respondeu possuir renda maior que um salário mínimo e menor que dois. M7 e M9 declararam receber entre dois e três salários mínimos. As demais, acima de quatro salários mínimos.

No que se refere a rotina pessoal, pode ser visto pelo relato de M2:

“Hoje, eu moro com a minha filha de 2 anos e 4 meses e meu irmão caçula de 19 anos, que é diagnosticado com um grau leve no espectro autista. Geralmente, eu acordo as 6h da manhã para me arrumar e arrumar minha filha pra deixá-la na creche às 8h. Saio de casa às 7h e pego duas conduções pra chegar na creche que fica a mais ou menos 800 metros da universidade. Eu tenho a maioria das aulas no período da manhã, e uma matéria na sexta à tarde. Minha filha sai 11:50 da creche, e eu preciso sair da UF por volta de 11:30 pra dar tempo de pegá-la. Se tenho períodos sem aula no horário da manhã, eu uso para estudar. Depois de buscá-la na creche eu almoço com ela no RU, e depois fico pela universidade cumprindo alguma tarefa do DCE ou estudando. Geralmente, eu uso o Espaço Marielle para colocá-la para dormir e para eu estudar e fazer reuniões. Jantamos no RU também, e se não houver outras reuniões, voltamos para casa” (M2).

Sobre a organização familiar, M3, M8 e M9 responderam que vivem sozinhas com seus filhos, enquanto as demais registraram que residem com familiares (algumas com membros da família de origem, outras da família atual). Em relação a organização socioeconômica, M1 relatou o seguinte: “trabalho em regime estatutário na Prefeitura, mas, apesar disso, ainda não tenho independência financeira. Moramos de aluguel e temos um padrão de vida razoavelmente tranquilo”.

A participante M9 também comenta que, apesar de viver em uma situação razoavelmente tranquila, precisa da bolsa para complementar a renda: “Atualmente eu estou no estágio, mas só com a bolsa eu não conseguiria manter a mim e as crianças. Eu recebo a pensão dos meninos, dou aula no Estado como professora eventual. Moro de aluguel e vivo num padrão razoável” (M9). Os desafios postos no cotidiano das mães investigadas permitem refletir sobre a tripla jornada, em relação à maternidade e aos cuidados domésticos, trabalho acadêmico e atividades profissionais extra universidade. Tais fatores implicam diretamente na qualidade de vida das mães, principalmente, em relação aos aspectos relacionados à saúde da mulher. Como nos dizem Vanalli e Barham (2012, p.137), “esse quadro é preocupante, uma vez que a situação de sobrecarga entre mulheres profissionais com filhos pequenos provavelmente seja crônica durante vários anos, podendo afetar o bem estar destas e possivelmente a qualidade das relações familiares”. Tal dado dialoga com a desigualdade da divisão sexual do trabalho identificada por Sousa e Guedes (2016), no contexto das mulheres brasileiras.

Um momento de debate com ações que visem trazer à tona tal discussão, em termos de saúde mental, pode ser garantidos nos espaços universitários, sobretudo com a equipe de assistência estudantil, em seções que envolvam o trabalho psicossocial preventivo. Tal discussão corrobora dados de estudo prévio (VANALLI; BARHAM, 2012) sobre as responsabilidades da mãe, após o seu retorno da licença maternidade.

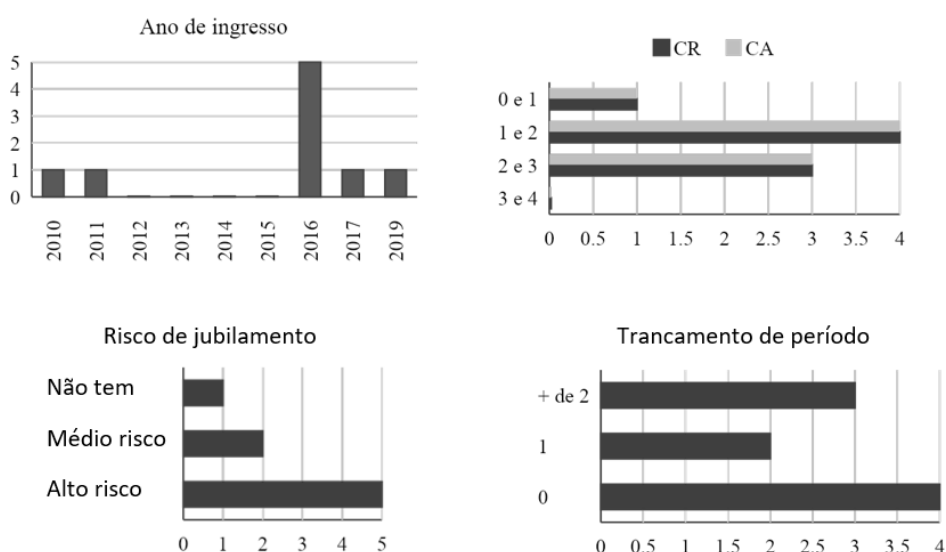
Tema disparador 2 – Situação acadêmica: Histórico Acadêmico

Uma parte da informação levantada se referiu à trajetória acadêmica de cada mãe. Das nove mães respondentes, oito cursavam a graduação. Apenas M5 concluiu o Bacharelado Interdisciplinar (BI) e cursava o Bacharelado em Planejamento Territorial, as demais ainda cursam o BI. Com exceção de M2 que cursava o Bacharelado em Ciências e Humanidades, as demais cursavam o Bacharelado em Ciências e Tecnologia. A mãe que cursava a pós-graduação estava matriculada no Mestrado em Ciências Humanas e Sociais.

Uma análise que foi realizada se referiu ao Coeficiente de Rendimento (CR) de cada mãe, assim como ao Coeficiente de Aproveitamento (CA). De acordo com a Resolução do Conselho de Ensino, o CR se refere ao “quociente da somatória dos conceitos de cada disciplina cursada multiplicados pelos seus respectivos números de créditos, e normalizado pelo número total de créditos cursados. Dessa forma, o CR de um aluno varia de 0 a 4”. O CA se refere a “um número indicativo da média dos melhores conceitos obtidos em todas as disciplinas cursadas pelo aluno. O cálculo do CA é similar ao do CR, entretanto, no caso de disciplina realizada mais de uma vez, somente se contabiliza o melhor conceito obtido”.

A Figura 2 caracteriza a trajetória acadêmica das mães, em relação ao ano de ingresso, ao CR e CA, número de trancamento de período e situação para jubramento. No último caso, como medida preventiva, existe um programa na universidade de auxílio ao estudante que o notifica sobre o risco de jubramento, por meio de um e-mail.

Figura 2. Caracterização da situação acadêmica das mães



Fonte: elaboração própria das autoras

Das oito mães que cursavam a graduação, cinco já tinham sido notificadas sobre o risco de jubramento. Apenas uma ainda não foi notificada sobre o risco de jubramento e duas ainda não foram notificadas formalmente pela instituição. Os dados de desempenho acadêmico geram reflexões sobre as dificuldades e excesso de atividades impostas por ser mãe e mulher, ao assumirem uma tripla jornada, acabam prejudicando os prazos e os rendimentos impostos pela universidade em termos institucionais

Tema disparador 3 – Rede de apoio social: Histórico de saúde e rede de apoio

Das nove participantes, apenas M7 não realizou acompanhamento psicológico ao longo de sua vida, todas as demais realizaram tal tratamento. Durante as entrevistas foi possível analisar um quadro desafiador com a saúde das mães após o ingresso na universidade. M1 relatou “muitas crises de ansiedade e de choro. Já deixei de sair de casa várias vezes porque eu não conseguia sentir vontade de me mover. Outras vezes, durante a aula, eu começava a me perder no conteúdo. Já tive crises durante as provas, de deixá-la na mesa e só sair da sala e depois, quando eu estava calma, eu conseguir pensar e resolver” (M1). M3 explicou que após sua entrada na universidade, conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas foi um fator desafiador: “Eu emagreci demais. Ficava estressada com tudo, não conseguia dar conta das listas e isso me incomodava muito” (M3).

A participante M9 relatou que: “Nos últimos meses, eu tive várias crises/surtos. Estou chegando num ponto que eu preciso dar conta das matérias de forma mais competente do que eu estou dando e eu

não consigo mais ver o que precisava fazer para melhorar isso. Depois que entrei na UF eu tive várias crises que não tinha antes, de isolamento, de choro, de raiva. Além do psicológico, me descobri com gastrite nervosa, enxaqueca e tonturas e as ânsias se tornaram mais frequentes”. M3 reportou ausência de rede de apoio para contribuir nos cuidados com a sua filha. Em suas palavras: “nunca tive nenhuma rede de apoio. Nunca tive ninguém para poder contar para ficar com a minha filha, ou para buscá-la na creche ou para me ajudar quando estivesse doente” (M3). M9 também relatou dificuldade com a rede de apoio: “normalmente tenho que pagar alguém ou contar esporadicamente com ajuda, de acordo com a disponibilidade das pessoas. Mas, nada fixo”. M2 identificou os amigos como rede de apoio, enquanto as demais registraram sobre a presença de parentes.

Os dados relacionados a saúde mental das entrevistadas replicam achados anteriores (URPIA; SAMPAIO, 2009) sobre o desafio posto anteriormente em relação as múltiplas atribuições dessas mulheres (maternidade, atividades domiciliares, vida acadêmica e trabalho externo à universidade) e como ter qualidade de vida e saúde, sobretudo mental. Preocupações relacionadas a estes fatores mostram a importância da rede de apoio enquanto fator de proteção à permanência da mãe no espaço da universidade, assim como grupos com a presença de um psicólogo mediador, que pudessem gerar reflexões sobre como enfrentar tais demandas.

Tema disparador 4 – Permanência na universidade: Desafios na relação entre maternidade e universidade

Todas as participantes já pensaram em desistir da universidade por motivos relacionados à maternidade. Dentre as dificuldades encontradas, M1 relatou: “um professor disse que a exigência para passar na matéria era de mais de 20 horas semanais e eu não possuo essa disponibilidade sendo mãe”. M4 reportou que a “falta de empatia de colegas de classe e professores acontece com bastante frequência, a maioria não entende e não se importa”. M5 mencionou a dificuldade para que seu filho dormisse na universidade. Em suas palavras: “não queriam que eu trouxesse um colchãozinho pro meu filho dormir a tarde enquanto estudava”. M2 identificou dificuldades para a obtenção de informações junto aos servidores da universidade: “Quando fui buscar informações sobre as aulas domiciliares, que é um direito da aluna mãe amparado por lei, um atendente do setor X, me disse que a única opção era o trancamento, e quando eu insisti, ele foi grosso comigo”.

No seu relato M7 conta que precisou fazer avaliação substitutiva ou seria reprovada por não ter nenhuma pessoa para ficar com seu filho. M9 relatou: “uma professora já fez pouco caso do fato de eu chegar atrasada e precisar sair mais cedo por causa do meu filho mais novo. Acho que essa foi a situação que me senti mais constrangida. Eu pedi para sair mais cedo e fui explicar o porquê chegava atrasada alguns dias e a resposta dela foi ‘eu também tenho filho e não peço para sair mais cedo’”. M3 explicou que já pensou em desistir da graduação, devido à maternidade: “A educação da minha filha é fundamental. A universidade exige muito. Ser uma boa mãe e educar minha filha passou a ser prioridade desde que passei a cuidar dela sozinha. Quando estou na UF eu realmente estou muito sozinha e minha filha também. Não tenho com quem dividir essa responsabilidade. Sinto que ela fica abandonada”.

Recuperando as preocupações da década de 70 acerca do acesso da mulher brasileira à educação superior, Barroso e Mello (1975) apontaram preocupações relacionadas ao sucesso acadêmico da mulher, em relação aos homens, ao pensar sobre as expectativas do papel feminino ocupado na sociedade brasileira, em relação ao masculino: “Investigações na área da Psicologia sugerem que a socialização do papel feminino afeta as aspirações, expectativas e motivações da mulher em situações da vida adulta. A menina é ensinada a obedecer e a não disputar com o homem” (BARROSO; MELLO, 1975, p. 74).

Todas as mães já levaram, em algum momento, os seus filhos para a universidade e relataram sobre a sua qualidade de vida antes e após o ingresso na UF, tal qual a relação entre universidade e maternidade: “Uma diferença inexplicável. Estudar na UF exige tempo de estudo, exige concentração, disciplina e foco. Antes da UF eu também não tinha minha filha. Eu passei na universidade e logo descobri que estava grávida. Conciliar tudo isso é um desafio enorme (M3)”. M9 relatou: “eu entrei em 2016 e antes da UF eu me sentia mais livre para administrar minha rotina, hoje eu me sinto mais presa”. M1 explicou sobre a influência de ser aluna universitária e a relação com seus filhos: “O filho 1 tem muito

interesse pela ciência, ele fica muito contente por me ver aqui, ele fica com o olhinho brilhando. Já a filha 2 é muito novinha, ela sente muito minha falta, quando eu fico em casa, ela não faz nada sozinha, começa a se comportar como bebê. O filho 3 também é igual ao filho 1, ele gosta da faculdade, quer vir assistir aula, eles acham legais participar da faculdade” (M1).

A participante M1 comenta também sobre a percepção de baixa autoeficácia, diante das diversas demandas: “Eu me dedicava exclusivamente às crianças, não tinha perspectiva de carreira. Agora, ainda está ruim, mas era pior quando eu estava em casa. Hoje, eu não me sinto apenas uma ferramenta de subexistência dos meus filhos. Mas eu não me sinto efetiva em nada. Sou meio mãe, meio estudante, não sinto que me dedico realmente a nada”.

Outro ponto que foi identificado no relato das mães investigadas se referiu à percepção dos benefícios que a universidade poderia fornecer às respectivas vidas pessoais de cada uma delas: “Além de ampliar a minha perspectiva de uma carreira que me dê uma condição de vida mais confortável, estar no epicentro de onde emergem os debates tem me dado a oportunidade de assumir um protagonismo que eu nunca tive na vida. Fora que em termos práticos, eu não conseguiria me manter em São Paulo, longe da violência do Rio, e até mesmo de um relacionamento tóxico, se não fosse o programa de bolsas. Para mim é impensável estar "sozinha" em São Paulo tendo que trabalhar 8h por dia, fora 4h de deslocamento, eu simplesmente não teria com quem deixar a minha filha. Mesmo com toda a dificuldade a rotina da universidade é bem flexível, se comparada à de um trabalho no ramo privado” (M2).

M9 também identifica vantagens de estar na universidade: “Se eu não estivesse na UF hoje eu não estaria no estágio que foi meu primeiro contato com cargo de ensino superior. Já tive contato antes, eu fui professora. Mas na escola pública a gente não tem esse luxo que uma empresa privada oferece. Então, é a primeira vez que tenho contato com um perfil de empresa considerado grande empresa, com um cargo ok ... E intelectualmente falando com certeza, muitos benefícios. A UF expandiu bastante minha percepção sobre mim mesma, sobre a maternidade (até porque sou ativa na causa das mães dentro da universidade) e sobre o mundo mesmo, sobretudo”.

Sobre a percepção da relação entre maternidade e desempenho acadêmico, foram extraídos os excertos abaixo. M3 coloca que: “Eu aceito os meus defeitos e as minhas faltas. Por um bom tempo me culpei por não cuidar de meus filhos direito, ou estar cansada demais para dar-lhes atenção, mas quem é perfeito? Ou quem tem a mãe perfeita? Infelizmente eles terão de aceitar que vivemos em circunstâncias específicas, eu fiquei o quanto pude com eles.

Também comenta M9 sobre as dificuldades de conciliar a maternidade com a vida acadêmica: “Eu não posso ficar com eles integralmente porque tenho que estudar e trabalhar. Tento ter um olhar mais otimista para isso, mas ainda é muito difícil. Se eu vejo um comportamento errado eu já penso que talvez se eu tivesse mais presente isso não estaria acontecendo. Se fosse dar uma nota de 0 a 10 (no quesito maternidade) eu passaria com D raspando, acho que uns 4,5. Já cheguei a escutar que sou egoísta, que só penso em mim por não priorizar meus filhos. As pessoas não experimentam isso e ficam julgando”.

As participantes M2, M3, M4 e M5 reportaram receber algum apoio financeiro da universidade para sua permanência, em termos de assistência estudantil: “Atualmente eu recebo bolsa permanência, auxílio creche, bolsa alimentação e bolsa de extensão. Tudo dá uns R\$950,00, é uma das rendas centrais da casa, sem isso eu não conseguiria me manter estudando, e nem em São Paulo” (M2). “Atualmente, eu recebo bolsa auxílio-creche no valor de R\$150,00 e auxílio permanência no valor de R\$400,00, pela UF. Fora isso, a universidade não oferece mais nada em relação a maternidade” (M9).

As mães relataram que gostariam de alternativas para auxiliar sua permanência e conclusão de curso na universidade. M3 explicou que a UF poderia ajudá-la “olhando a questão da permanência e da sua vida no geral ... se eu não tivesse filho, diria que está como deveria estar, mas como eu tenho uma filha, poder ter acesso à aula seria ótimo.

Estratégias documentadas em estudo anterior (BEELER et al., 2019) que dialogam diretamente aos dados identificados nesse tópico se referiram as ações concretas inclusivas para permanência das mães após o período de licença, enquanto políticas adicionais destinadas à assistência à infância. São elas: a) creches próximas ou espaços de convivência na universidade, em que os filhos possam permanecer durante o período de atividades acadêmicas, 2) flexibilidade no acesso ao currículo e na frequência

presencial (como, videoconferência, horários de atividades negociáveis entre professor e estudante, tecnologias que permitam a pesquisa, o ensino e a extensão em suas residências), 3) financiamento (como os auxílios relatados pelas estudantes e, além de tais auxílios, no estudo de Beeler et al., 2019 foi documentada uma espécie de bônus da mãe para ser utilizado para fins pessoais que contribuisse com os cuidados dos filhos), 4) rede de apoio social, 5) iniciativas de desenvolvimento de carreira, principalmente em relação à transição entre universidade e mercado de trabalho.

Fonte Garamond 12, cor preta, espaçamento entre linhas 1,25 para todo o artigo. Tamanho da fonte de 10 pts para citações longas; notas de rodapé; legendas; paginação. Recuo na primeira linha dos parágrafos em 2cm. O texto deverá seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou da American Psychological Association (APA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho envolveu criar condições para refletir sobre o espaço das mães em uma universidade pública brasileira, a partir das suas histórias de vida, enquanto protagonistas do seu processo educacional. Além disso, o trabalho também se propôs a identificar, nos relatos das mães, quais eram os fatores de proteção que contribuem em sua permanência na universidade para que auxilie a equidade aos demais estudantes. Também procurou identificar os desafios e as estratégias que cada uma delas utilizavam para superá-los. Os dados geraram uma reflexão e discussão sobre o gênero como uma categoria relacional que levanta compreensões acerca de desigualdades estruturais, somadas às questões de raça, nível socioeconômico e idade, resultando em desigualdades que se conectam no contexto brasileiro.

Com a inversão do cenário dos anos 90, em que a preocupação era garantir a alfabetização dos dois terços de crianças meninas, de acordo com a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), o aumento do número de mulheres no âmbito da universidade, em relação ao número de homens ingressantes, tem aumentado constantemente (INEP, 2013), o que revela um contexto frutífero para a garantia do discurso de equidade de gênero nesse contexto. Dentre tais dados, apenas de 2% a 4% das mulheres são mães (IBGE, 2015). O fator maternidade tem sido discutido, enquanto garantia de uma política de ação afirmativa relacionada ao gênero, em seus comitês gestores, de acordo com estudo prévio (Beeler et al., 2019).

Assim, os dados levantados no estudo, sobretudo em relação às múltiplas jornadas e atribuições das mães universitárias (Tema Disparador 1), enquanto atividades próprias da maternidade, domésticas, acadêmicas e profissionais extra universidade geram reflexões preocupantes sobre a qualidade de vida de tal público, replicando achados anteriores com o mesmo público (URPIA; SAMPAIO, 2009) e em como essas múltiplas jornadas têm afetado no rendimento acadêmico das mulheres mães universitárias, podendo chegar ao jubramento.

Outro ponto levantado se refere ao debate sobre as barreiras atitudinais dos professores envolvidos no processo educacional das mães, de acordo com os desafios postos no Tema Disparador 4. Discutir sobre os impactos da maternidade no desempenho acadêmico, em termos de formação continuada docente parece ser uma estratégia importante nesse contexto. Criar políticas de permanência sistemáticas que garantam o processo inclusivo das mães, por meio da institucionalização das tomadas de decisões também podem contribuir para superar os preconceitos relacionados ao fator maternidade, como por exemplo, a flexibilização curricular.

Os fatores de proteção identificados para enfrentar os desafios postos nesses cenários envolveram o apoio a uma rede social, como familiares, amigos e profissionais, o estabelecimento de um local para convivência dos filhos, no âmbito universitário, programas de qualidade de vida, assistência psicológica, auxílios financeiros e flexibilização curricular. Assim sendo, espera-se que os dados coletados contribuam para uma possível sistematização de informações sobre a situação de mães universitárias da UF, de modo a criar ações concretas que visem a implementação de políticas de proteção para tal demanda, visando a equidade de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cristiano.; PRAUN, Lucineida.; AVOGLIA, Hilda. R. O sentido do trabalho para mulheres após a licença maternidade: um estudo com profissionais de educação. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 39, n. 2, p. 147-158, 2018. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2018v39n2p147>.
- BARROSO, Carmem. Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar. Namo. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 47-77, 1975.
- BEELEER, Whitney. H. et al. Institutional Report Cards for Gender Equality: Lessons Learned from Benchmarking Efforts for Women in STEM. **Cell Stem Cell**, v. 25, n. 5, p. 306-310, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.stem.2019.08.010>.
- DYBLE, Mark et al. Sex equality can explain the unique social structure of hunter-gatherer bands. **Science**, n. 348, p. 796-798, 2015. <https://doi.org/10.1126/science.aaa5139>
- ECKLUND, Elaine. H.; LINCOLN, Anne. E. Scientists want more children. **Plos One**, v. 6, n. 8, p. 1-4, 2011. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0022590>.
- FEDERICI, S. **Caliba e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- Garcia, C. C. (2011). **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade.
- IBGE. **Estatísticas do registro civil. Rio de Janeiro**: IBGE. 2015.
- INEP. (2013). **Censo da educação superior 2011 – resumo técnico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011.
- INEP (2020). **Censo da Educação Superior 2019 – Divulgação dos Resultados**. Brasília: MEC.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (Org.), **Dicionário Crítico do Feminismo**, 67-75. Ed. UNESP. 2009.
- LAURENTI, Carolina et al. Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de Análise do Comportamento no Brasil. **Acta Comportamental**, v. 27, n. 2, p. 251-268, 2019.
- MENEZES, Rafael. S.; SANTOS, Thais. S.; VELOSO, Nathalya. O.; FREITAS, Valéria. N.; SANTOS, Monique. S.; RAHIM, Mohamad, A. A. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção psicopedagógica**, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2012.
- PARENT IN SCIENCE. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>
Acesso em: 20 agosto 2019.
- PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos Didáticos**, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 7-42, 2002.
- SILVA, Fabiane. Ferreira; RIBEIRO, Paula. Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>

SOUSA, Luana Passos.; GUEDES, Dyeggo Rocha Guedes A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>

STANISCUASKI, Fernanda.; REICHERT, Fernanda. P.; WERNECK, Leticia. O.; MELLO-CARPES, Pamela. B. Impact of COVID-19 on academic mothers, **Science**, v. 368, n. 6492, p. 724-724, 2020. <https://doi.org/10.1126/science.abc2740>

MEC. (2017). **Os desafios para acelerar o ritmo e a direção da expansão da educação superior**. Brasília: INEP.

URPIA, Ana Maria de Oliveira.; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade? Vida universitária. **Recôncavos** (Cachoeira), v. 3, p. 30-43, 2009.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. **Jomtien: Unesco**, 1990.

VANALLI, Ana Carolina Gravena; BARHAM, Elizabeth Joan. Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 130-138, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000100015>.

WERMELINGER, Monia.; MACHADO, Maria Helena.; TAVARES, Maria de Fátima Lobato.; OLIVEIRA, Eliane dos Santos; MOISÉS, Neusa Maria Nogueira. A Força de Trabalho do Setor de Saúde no Brasil: Focalizando a Feminização. **Revista Divulgação em Saúde para Debate**, v.45, 54-70, 2010.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Autora 1 – Elaboração do projeto, coleta e análise de dados, escrita do artigo

Autora 2 – Orientadora, elaboração do projeto, análise de dados, auxílio na escrita

Autora 3 – Ajuda com referências, composição do texto com mais colocações e citações.

Autora 4 – Revisão, auxílio com as referências e colaboração na discussão dos resultados, melhora na escrita do texto e envio para submissão de acordo com as normas estabelecidas.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.